

UMA FOLIA DE REIS EM SÃO MIGUEL DO CAJURU

José Antônio de Ávila Sacramento

O sol ia caindo e a noite já vinha subindo, lentamente... Era início de janeiro. O ano era 1970. Fazia calor, aquele calor modorrento que os verões sempre trazem.

Eu estava na fazenda com meus pais, em férias; ainda sentia muitas saudades do *Grupo da Celeste Banho*¹, mas já cursava outra escola; as irmãs estavam em São João del-Rei, na casa da *Siá Donana* e do *ti'Mário*². A fazenda, aos poucos, estava sendo tomada pelo aconchego triste da noite, ninada pelas vozes dos grilos e sapos. Alguns vaga-lumes disputavam suas luzes com chamas bruxuleantes, vindas das fracas e fumacentas lamparinas de querosene.

Relembro assim o tempo de criança e a vida naquela *velha* Fazenda da Congonha³, onde nasci, lá pelas *bandas* de São Miguel do Cajuru⁴. Lá o meu *mundo* era grande demais para que eu me preocupasse com o Rio de Janeiro e São Paulo e, quem diria então, Londres ou Paris! A Terra, para mim, dava a impressão de ser pequena demais: resumia-se num velho mapa-múndi que *via* dependurado na parede da sala; o Mundo era simples e fácil de ser percorrido quando eu quisesse, pela ponta dos meus dedos!

Lembro-me daquela *civilização* da roça cajuruense, seu anoitecer coaxante de sapos, o barulho da água na bica, o piscar dos vaga-lumes, o cheiro da Dama-da-Noite⁵... Com as lamparinas eu brincava sempre, projetando a sombra da mão pelas paredes, criando alguns *bichos* ou *monstros* terríveis; eu ainda ignorava a necessidade da invenção de Edison⁶. Um radinho de pilhas já havia lembrado a hora do *Angelus* e terminava de tocar *Moreninha linda, do meu bem querer*... Em seguida, solenemente, começaria a transmitir a “Hora do Brasil”: *Em Brasília, dezenove horas*...

De repente a rotina foi quebrada. Ouvimos barulhos, vozes e sons de instrumentos ao longe. *Nero*, o cachorro, muito agitado, latia sem parar. De longe, mas já não era de tão longe assim, pois o lugar era onde minhas vistas alcançavam, surgia de dentro da *boca da noite* os vultos de mais ou menos uma dezena de andarilhos.

¹ O antigo Grupo Escolar Inácio Passos, situado no Bairro do Bonfim, em São João del-Rei/MG. A primeira diretora daquela escola foi a prof^a. Celeste Maria da Fonseca Banho, de tradicional família são-joanense e pessoa da nossa relação familiar. Foi a primeira escola formal que frequentei, na qual fui muito bem recebido ao vir da roça para a cidade. Presto aqui, com esta citação, um preito de gratidão àquela notável educadora.

² Ana Etelvina de Ávila (1906-1989) e Mário Moreira de Carvalho (1927-1987), minha avó e tio maternos.

³ A sede da fazenda ficava a cerca de uma légua da sede do distrito de São Miguel do Cajuru. Foi construída na primeira metade do séc. XX, sendo empreiteiro da obra o sr. João Bernardino Ferreira (vulgo *João Menino*). A casa do demolida em 1994, infelizmente.

⁴ Distrito do município de São João del-Rei/MG que em 1943 teve seu nome alterado para *Arcângelo*, numa criminoso agressão à sua toponímia original, mais que bissecular. Após muita luta, felizmente, o nome original – São Miguel do Cajuru – foi recuperado através da Lei Municipal nº 3.536, de 27 de junho de 2000. O termo *Cajuru* deriva do tupi: *ka'a* = mata + *ju'ru* e significa “boca da mata”, a entrada da mata, ou seja, o local onde o viajante do Caminho Velho deixava as matas para penetrar nos campos limpos, ou seja, nos Campos das Vertentes.

⁵ Planta que exala um perfume inebriante, principalmente ao cair da noite. Nome científico: *Cestrum nocturnum*.

⁶ Referência à lâmpada incandescente, inventada em 1878 pelo físico norte-americano Thomas Alva **Edison**.

Traziam uma bandeira vermelha, enfeitada com o quadro da Natividade; portavam alguns instrumentos: caixa, triângulo, pandeiro, viola⁷ e sanfona. Executavam uma melodia agradável, ritmo meio festivo e de marcha compassada. Aquilo era uma novidade tamanha para meus sentidos de simples menino da roça. Vieram em fila indiana, lá das trilhas do lado do Ribeirão do Chaves ou do Rio do Peixe; atravessaram o Córrego do Aterradinho e vieram subindo; transpuseram uma tronqueira de arame e pularam o rego que levava água para a bica...

Chegaram mais perto... Vestiam roupas brancas; alguns deles usavam botinas; poucos calçavam alpercatas de couro e os outros estavam descalços. Na cabeça, chapéus de palha enfeitados com muitos espelhos; traziam faixas coloridas, amarradas na cintura.

Dos chapéus e dos instrumentos pendiam fitas esvoaçantes e multicoloridas; alguns traziam terços dependurados no pescoço; outros exibiam guias, cruzadas pelo peito; havia cordões enfeitando os instrumentos musicais. Os enfeites, em sua maioria, eram confeccionados daqueles caroços popularmente conhecidos por Contas de Lágrimas⁸, sementes dessas gramíneas que ainda teimam brotar em nossos brejos.

Cantavam assim:

— *Deus te salve ô Casa Santa, ai, ai... / Onde Deus fez a morada, ai, ai, oi... ai...*

— *Que é que é isso? Meu Deus, valha-me Nossa Senhora Aparecida e São Miguel!*, assustou-se a minha mãe. O meu pai⁹, meio que esbravejando, tentava acalmar:

— *Folia de Reis, gente... será possível que vocês nunca viram isto?*

— *Conheço sim, mas assustei. Há muito tempo que eles não passavam aqui!*, ponderou minha mãe.

Nesse meio tempo eu já estava escondido debaixo da cama, com o coração disparado, o travesseiro escondendo o rosto e abafando os ouvidos, morrendo de medo daqueles homens esquisitos.

— *Vem cá 'sô Izé', vem cá menino! Vem cá pra você ver os homens!*

⁷ A viola é por excelência o instrumento típico do meio rural brasileiro. Atualmente temos vários e bons violeiros em plena atividade, trabalhando pelo resgate do instrumento; dentre eles destaco o nosso conterrâneo Chico Lobo, exímio violeiro, talentoso compositor, pesquisador da história da viola, da nossa música caipira e folclórica (música de raízes). Na antiga fazenda da Boa Mente, zona rural de São João del-Rei/MG - do início e até meados do séc. XX - segundo informações orais do dr. José de Alencar de Ávila Carvalho (*in memoriam*), também passavam Folias que se apresentavam tocando, além de outros instrumentos, a chamada Rabeca ou *Rebeca*, que era uma espécie de antigo violino, de quatro cordas (lá, ré, sol, sendo uma dupla, afinada uma oitava acima) e que se tocava friccionando-as com um pequeno arco feito de crina. A Rabeca possui sonoridade melancólica e geralmente é construída de cedro, com a caixa sonora escavada e o tampo pregado com *pregos* feitos de uma madeira dura (geralmente Brejaúva) e colado com cola vegetal. Atualmente é muito raro observar esse instrumento em atividade.

⁸ Contas-de-lágrimas: planta da família das gramíneas; nome científico: Coix lacrima. É conhecida também popularmente pelos nomes Biurá, Lágrima-de-Nossa-Senhora, Lágrima de Santa Maria, Lágrima-de-Jó, Contas de Nossa Senhora, Capim-Rosário, Capim-miçanga, Capim de contas, Capiá e na Guiana Francesa por *Larme de Job*. Tem valor terapêutico: a tintura das sementes é diurética e emoliente, útil nas afecções catarrais; é empregada também, em fricções, contra o reumatismo (Fonte: BALBACH, Alfons. *A flora nacional na medicina doméstica*. São Paulo: A Edificação do lar, [s.d.], v. 2, p. 690). Uma lenda de nossa região conta que quando Nossa Senhora andava pelo mundo chorando a falta do seu Filho, morto na cruz, cada lágrima que ela vertia fazia nascer um pé do referido capim; daí, Contas de Lágrimas!

⁹ José Colombo de Ávila (1913-1990).

Obedeci ao meu pai, mas tremia de medo. Fiquei de *meia-jota*¹⁰ na porta, pronto para qualquer eventualidade.

— *O que é isso? Ah, eu não vou chegar perto não... Tem até uma mulher esquisita e um homem mascarado*¹¹ *pulando ali no meio. Ai, ai, ai...*, murmurei baixinho, quase soluçando e muito amedrontado, já arrependido de ter matado aquele passarinho lá na parreira; presumia que o que estava acontecendo era um cruel castigo pelo meu *passaricídio*: *Foi sem querer...desculpa! Vou aposentar meu bodoque*¹², *meu Deus; prometo que vou queimá-lo amanhã bem cedinho! E também não vou armar mais arapuca, nem pegar pomba-rola*¹³... *perdão meu Deus!*... confessava-me silenciosamente.

— *Ô de casa! Nossas boas noites. É a visita dos Santos Reis, vocês aceitam receber de bom grado a bandeira e a nossa Folia?* Gritou um deles.

— *Ai pai, não pai, não deixa não. Ai, meu Deus!* Clamei, meio que inconscientemente.

— *Deixa de bobagem, menino... Éta 'sô Izé' medroso! Vocês podem chegar pra cá!* decidiu o meu pai, descendo da soleira para o terreiro, indo receber os visitantes.

Desceram pelo terreiro, cantando. Pararam na soleira da porta da sala. Entregaram a bandeira ao meu pai. Ele a reverenciou e a entregou para a minha mãe. Formaram um semicírculo; continuaram tocar e cantar, obedecendo aos comandos de um apito daquele que parecia ser o *chefe* do grupo. Ele cantava mais forte e os outros davam o responsório, sempre terminando em lamentosos *ais*. Adentraram pela sala e cantaram diante do presépio, armado num canto, com as figuras dispostas no interior de uma singela réplica da Gruta da Natividade, idealizada a partir da casca de uma cuia, quebrada ao meio e enfeitada com respingos de vela derretida, à guisa de neve. A bandeira foi levada por minha mãe e apresentada aos cômodos da casa.

Depois de cantarem bastante foram para a cozinha. Lá, proseando alto, justificaram a missão deles:

— *Sáimos com a Folia para agradecer as graças que nós recebemos; pagamos por elas com a Festa de Reis e do Divino. Vamos de casa em casa. Pedimos ajuda e, Dia de Reis, benz'ô Deus, vamos entregar a nossa bandeira. Ano entra, ano sai, e é sempre assim. É a prática da nossa sabença!*¹⁴ explicou um negro simpático que já estava sem o chapéu e pelejando para acender o pito de palha num tição, assustando uma gatinha sonolenta que aproveitava o calor e dormitava lá no “rabo” do fogão.

¹⁰ Expressão usada em regiões rurais de Minas Gerais. Quer dizer quando a pessoa, ressabiada, não se apresenta inteira à porta ou janela; fica com o corpo escondido e mostra apenas a metade do rosto para ver o que está acontecendo, ficando a outra metade encoberta pelo portal.

¹¹ *Bastião* (palhaço da Folia): personagem mascarado, comum às Folias, que se apresenta(va) dançando e/ou recitando versos acompanhado pela *Catirina* - homem travestido - também mascarada, que fazia o papel de “mulher” do Palhaço. Segundo a minha mãe, Aparecida de Carvalho Ávila, lá pelos idos de 1930 era comum visitas anuais da Folia de Reis à Fazenda da Boa Mente, em S. Miguel do Cajuru, sempre acompanhadas do *Bastião*.

¹² O mesmo que estilingue ou atiradeira, arma ou brinquedo infantil para arrojear pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, geralmente borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira.

¹³ Aves columbiformes, da família dos columbídeos, dos gêneros *Columbina*, *Claravis* e *Uropelia*, que geralmente possuem pequeno porte; rola-carijó, rola-pequena, rolinha...

¹⁴ É o jeito simplório do caipira se expressar; o termo significa o mesmo que dizer: “é a prática da nossa sapiência!”.

Prosearam muito... Falaram sobre assuntos diversos: empreitadas, festanças, roças de milho e o *João-do-Mato*... indagaram se o ano ia ser bom de chuva, se o gado estava sadio e se as vacas produziam bastante leite; discutiram as qualidades dos pastos de capim-gordura e de jaraguá; avaliaram o preço da arroba do gado de corte, o preço dos queijos e as chances da *seleção canarinho* na Copa do Mundo de 1970. Disseram que um *tale de Saldanha* (João Saldanha) estava montando um *timaço*!...

Percebendo que ainda persistia o meu temor, principalmente daquele que estava mascarado, o tocador de sanfona que já estava de cócoras num cantinho, sacou duas balas já meio meladas e quentes pelo calor do seu bolso. Ofertou-me os caramelos e amenizou:

— *Carece de ficar com medo não menino! Aquele que dança balançando a bandeira junto com mulher, é o Bastião e a Catirina. E sem eles a nossa Folia num tem graça não.. Eles não faz nenhum mal a ninguém não, mode você pode ficar assossegado!*

Fui ambientando e aceitando, aos poucos. Enfiei as balas na boca. O susto já estava passando e eu já estava até me alegrando um pouco com toda aquela movimentação. Estava até ficando satisfeito; confesso que a causa da minha alegria era mais pela absoluta desnecessidade de aposentar o meu bodoque e desarmar a arapuca, como havia prometido, do que pela aceitação daqueles foliões. Aquilo tudo já não parecia ser o prenúncio de um castigo, como eu imaginara.

E os homens cantaram mais... Lançavam os seus lamentos no ar, embebidos numa devoção que era principalmente deles e fazendo daquela manifestação o prazer de uma festa que, por sua vez, se tornava de todos nós.

Parece até que sentiam ali, naquele momento, a presença de um Ser invisível, transcendente, e que todo aquele clamor também chegaria aos céus e retornaria para a terra, em forma de graça, sobre todos nós.

Quando já estava me acostumando e até achando aquilo tudo bem bonito, minha mãe ameaçou o preparo do jantar. Foi interrompida:

— *Agradecido Dona Aparecida! Nós hoje só vai jantar mais pra frente daqui... não precisa da senhora se preocupar não. É a mesma coisa que nós tivesse jantado aqui. Deus que te ajude!*

Aceitaram café com leite, queijo e algumas *quitandas*¹⁵. Comeram arroz-doce. Cantando agradeceram pelo alimento, e cantando dispensaram o pouso oferecido. Ganharam alguma esmola, um frango, queijo, alguns pedaços de fumo de rolo e palha de milho própria para enrolar cigarros. Para prender o frango fizeram uma boa *peia*¹⁶, usando um pedaço de *embira*¹⁷ que estava pendurada num prego. Puseram coisas num embornal e partiram alegando que naquela noite, antes de descansarem, ainda iriam a mais duas ou três fazendas. Cantando agradeceram as ofertas e cantando pediram a devolução da bandeira.

¹⁵ Quitanda: biscoitos e broas caseiros, assados nos tradicionais fornos a lenha; eram guardados em latas com tampa bem fechada para manterem-se bem conservadas e secas; eram servidas diariamente aos da casa e/ou visitas, na hora do café (biscoito de fubá, de polvilho, broa, rosquinhas...). É mister lembrar que nas residências tradicionais da área rural mineira até hoje ainda é considerado uma desfeita ao dono da casa a visita sair sem tomar o café ofertado. É preciso beber nem que seja um gole de *café-com-mão-na-escadeira* (café puro, isto é, sem o acompanhamento de quitandas).

¹⁶ Dispositivo geralmente feito da embira; era atado aos pés das aves e limitava seus movimentos; assim se evitava que elas fugissem.

¹⁷ Do tupi *e'bira*. Fibra retirada da casca de arbusto do gênero *Daphnopsis*, da família das timeleáceas (*Daphnopsis brasiliensis* e *Daphnopsis sellowiana*). Usada na amarração de pequenas coisas. Era muito útil na roça; substituía o barbante, com méritos.

Alegaram que vinham de longe (creio que devem ter dito de onde, mas não consigo precisar o local, infelizmente) e que tinham a necessidade de se apressarem, pois naquela noite ainda caminhariam bastante, já que haveriam de pernoitar somente lá pelos lados da Vendinha¹⁸, conforme previamente combinado, numa fazenda que ficava localizada bem nas margens do Corredor Real¹⁹, propriedade d'um tal de *Sô Quincas d'Ávila*²⁰. No dia seguinte pretendiam ir seguindo rumo ao Cajuru, visitando as moradas que margeavam o Corredor. No arraial, durante o Dia de Santos Reis, além das visitas a algumas residências, prestariam suas homenagens ao Menino Jesus diante de um presépio que ficava armado no interior da Igreja de São Miguel²¹.

— *Folieiro nesses dias dorme muito pouco... andamos até altas horas, horas mortas!* falou um deles.

As vozes e o som dos instrumentos foram sumindo aos poucos, como que absorvidos pelo breu da noite, misturados a uma fina garoa. Naquela noite demorei muito a pegar no sono. De madrugada ainda sonhei com aquela cantoria:

— *Pai, Filho e Esp'rito Santo ai, ai... / E nas hora de Deus amém ai, ai.. / Abençoa a nobre morada ai,oi, ai.... / E vocês vai ficanho tudo com Deus / Qui com Deus nós tamém vai, ai,*

¹⁸ *Vendinha* é a localidade onde, segundo a tradição oral, no auge da movimentação de tropeiros pelo Corredor-Real, existia um pouso para tropeiros e rancho para abrigar a tropa. Entende-se que deviam comerciar ali alguns víveres, arreios para os animais e, certamente, pouso e a boa pinga, daí o nome “Vendinha”. O local, apesar de continuar sendo denominado “Vendinha”, não apresenta mais vestígios daquela antiga movimentação de tropas.

¹⁹ Corredor Real é denominação popular da Estrada Real, do Caminho Real e das suas variantes; atualmente está em curso a reativação do Caminho, visando a fins turísticos. É um projeto nos moldes da mística Trilha de Santiago de Compostela (Espanha). Os precursores do Projeto Estrada Real são os senhores Oyama de Alencar Ramalho e Átilla Carvalho de Godoy, nossos conterrâneos que já anteviam a importância do trajeto como produto turístico, cidadãos que acreditavam na potencialidade deste produto turístico muito antes de ele ter se tornado essa unanimidade nacional. O Governo de Minas e a FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), entendendo a importância histórica, turística e econômico-social do antigo roteiro, sempre evidenciadas pelos seus precursores, adotaram o projeto com prioritário para Minas Gerais. A FIEMG criou uma entidade para cuidar do assunto: o Instituto Estrada Real (vide www.estrada-real.org.br). Atualmente está sendo analisado pela UNESCO o tombamento do percurso da Estrada Real com o título de “Patrimônio Cultural da Humanidade”.

²⁰ Referência ao *coronel* Joaquim José de Ávila, nascido e sempre residente em São Miguel do Cajuru. Era tio do meu pai e chefe político tradicional naquela região. Faleceu em 1971. De olhar altivo, caminhava com passos tão firmes que fazia tremer todo o assoalho da casa. Portava rica bengala, entalhada na madeira e encastada em prata. Cultivava vasto bigode branco, o qual vivia enrolando cuidadosamente com as pontas dos dedos. Teve grande influência na política partidária rural da região. Era de aparência amigável, sorridente e incapaz de negar os pedidos dos muitos afilhados e correligionários. Embora latifundiário, morreu solitário e “pobre”; a despesa hospitalar e de sepultamento dele foi paga pelo fiel amigo Tancredo de Almeida Neves. Além de possuir a fazenda, possuía também uma residência na sede do Distrito. Essa casa está bem conservada; no assoalho existe um alçapão quase imperceptível, que dá entrada para o porão. Lá ele acoitava os protegidos; contam que ele também para lá descia quando queria ficar sozinho ou não pretendia receber visitas inconvenientes. Quando a situação era grave e demandava maiores cuidados, escondia os seus protegidos no porão; como medida de segurança, pedia para esvaziarem uma saca de feijão por sobre a entrada do tal *alçapão*, camuflando-o; muitas das vezes ordenava que ficasse ali uma serviçal com uma peneira no colo, como se estivesse a catar a terra dos grãos feculosos, até findar o “perigo”! O *coronelismo* foi uma prática de cunho político-social, própria do meio rural e das pequenas cidades do interior, que floresceu durante a Primeira República (1889-1930) e que configurava uma forma de mandonismo em que uma elite, encarnada emblematicamente pelo proprietário rural, controlava os meios de produção, detendo o poder econômico, social e político local.

²¹ A igreja (de antes de 1745) é o único templo católico do distrito de São Miguel do Cajuru. No interior dela, adornando o teto, existe um valiosíssimo acervo pictórico ilusionista sacro, atribuído ao pintor Joaquim José da Natividade (da escola do fabuloso Mestre Ataíde). As pinturas foram restauradas recentemente; os bens móveis e integrados da igreja já foram tombados em nível municipal. Os técnicos do IPHAN estão inventariando o conjunto da obra do talentoso pintor Joaquim José da Natividade para fins de tombamento federal. A igreja possui também um expressivo acervo de imaginária.

ai... / Os Rei já cantaro o nascimento ai, ai... / De Jesus Cristo em Belém ai, oi, ai... Foi assim que eles se despediram de nós.

Naquela época foram aqueles artistas... Hoje são outros deles que permitem que os ritos coletivos possam ser reprojctados nas casas e nos espaços públicos, criando um maravilhoso processo de ressignificação do motivo original; os folieiros (ou foliões) ao que me parecem, são belas expressões anônimas da metamorfose de um catolicismo arcaico e puro; seus fundamentos religiosos ainda são ignorados pela maioria dos espectadores, os quais observam apenas o espetáculo, sem dele participarem. Mas, se notarmos bem, há um forte circuito de sociabilidade e reciprocidade em que a religião vivamente transborda para a vida social. Com os seus enredos particulares e gestos políticos da dimensão do sagrado, permitem-nos uma bela e profunda releitura de seus autos populares.

Atualmente, longe daquele panorama da roça, percebo que há uma verdadeira invasão de "melodias" de gosto duvidoso: pornô-sambas, falsos caipiras, chiques pagodeiros pré-fabricados e soluções bastante apelativas que invadiram as imagens midiáticas; essa situação não me impede, contudo, de pensar naqueles cantores que eram realmente populares, verdadeiros artistas que não gravaram discos e nem conheceram os holofotes da fama. Hoje, com muitas dificuldades, outros foliões, a exemplo daqueles, não permitem que a nossa tradição religiosa e folclórica pereça. Apresentam-se humildes como as silicosas flores do campo, continuam pensando e vivendo no seu mundo; na época certa ainda saem de suas casas e povoam o nosso mundo, enchendo de luz e cantoria as vidas daqueles que os escutam.

Os foliões atuais ainda se (com)portam como os de antanho: são artistas populares, autênticos e valentes. Eles ainda se mostram através de trilhas sonoras que orientam seus autos devotivos e se apresentam com aquelas coreografias que muito relembram o meu primeiro contato com a Folia, lá naqueles *sertões* cajuruenses, onde aprimorei a minha infância. Assim, a apresentação deles ainda me faz chorar!

Só que hoje eu não choro mais de medo... Só de saudades!



Aspecto da Fazenda da Congonha, no Distrito de São Miguel do Cajuru, local do nascimento ao autor e onde ocorreu a visita da Folia de Reis, conforme narrado.

(Foto de Ana Maria de Ávila - janeiro de 1980).